

O CUSTO DA INAÇÃO & IMPUNIDADE

FAIXA DE GAZA
JAN 2024 - JAN 2025

AVALIAÇÃO DO CUMPRIMENTO DA MEDIDA SOBRE AJUDA HUMANITÁRIA DO TIJ POR ISRAEL

SUMÁRIO EXECUTIVO

Passou um ano desde que o Tribunal Internacional de Justiça (TIJ) emitiu medidas provisórias, exigindo que Israel tomasse medidas imediatas para garantir a proteção dos direitos dos palestinos em Gaza contra atos de genocídio, ao existir um risco real e iminente de prejuízo irreparável a esses direitos. Apesar desta diretiva legal e clara, ao longo do último ano, até ao acordo de cessar-fogo, não foram observadas ações significativas para abordar as graves condições humanitárias em Gaza, permitindo que a crise se agravasse ainda mais, em flagrante violação das medidas provisórias. Pelo contrário, a ausência de implementação das medidas provisórias desenrolou-se num cenário de ataques em larga escala por forças israelitas que mataram civis, destruíram infraestruturas civis críticas e potencialmente usaram a fome como arma de guerra. Juntamente com o bloqueio ao acesso humanitário e à entrega de ajuda, esta situação levou a um sofrimento sem precedentes dos palestinos em Gaza e nos restantes Territórios Palestinos Ocupados (TPO).

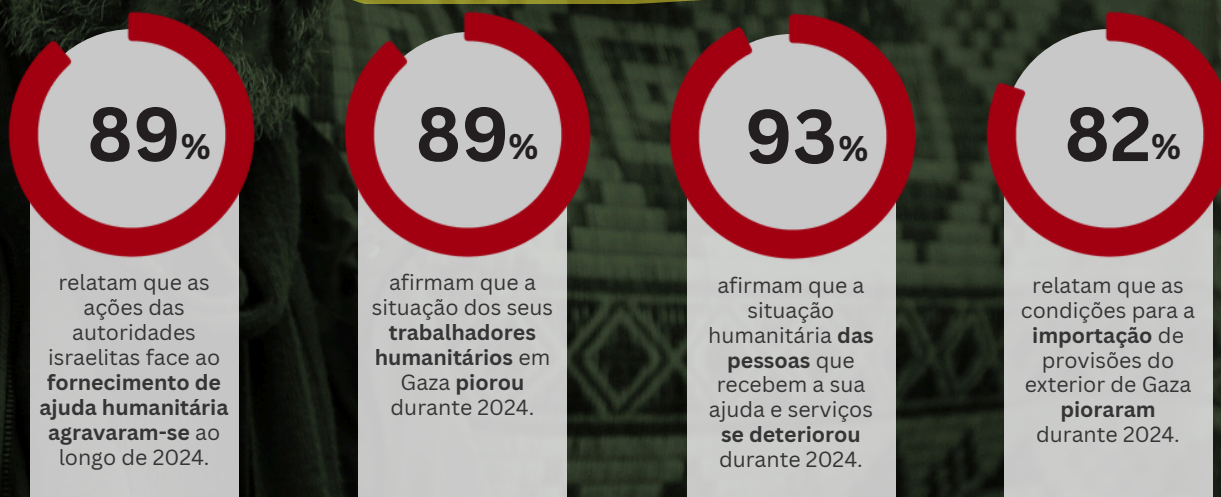
FOTOS: NRC



PRINCIPAIS CONCLUSÕES

Esta análise foca-se no período anterior à recente pausa temporária nas hostilidades, oferecendo uma visão geral sobre o respeito pelas medidas provisórias do TIJ por Israel. Embora tenha havido um aumento muito positivo nas entregas de ajuda humanitária após a pausa, estas conclusões refletem a situação que a precedeu. Destaca a obstrução de Israel à ajuda humanitária, o seu desrespeito pelo direito internacional e a necessidade urgente de medidas decisivas por parte de todos os Estados, para abordar a crise humanitária em curso e defender as Convenções de Genebra. Agora que assinalamos um ano desde as ordens do TIJ, é tempo de agir. O desrespeito pelas medidas do TIJ por Israel, juntamente com o não cumprimento pelos Estados terceiros das suas obrigações em prevenir o genocídio, encorajou novas violações e intensificou o sofrimento da população palestina. Agora devem ser dados passos imediatos e decisivos para aplicar estas medidas, proteger os civis, garantir o acesso humanitário e acabar com esta crise que se agrava. A inação contínua não só arrisca a cumplicidade, como também é um sinal verde para mais atrocidades nos TPO e em outros conflitos.

Numa pesquisa realizada em janeiro de 2025, 35 organizações de ajuda humanitária nacionais e internacionais partilharam as suas experiências sobre a entrega de ajuda humanitária e a disponibilização de serviços na Faixa de Gaza, desde a data das ordens do TIJ, em 26 de janeiro de 2024, até 9 de janeiro de 2025. **Entre as 35 agências participantes:**



A pausa recente nas hostilidades é crucial. É uma oportunidade para acabar com as mortes, garantir que a ajuda humanitária possa ser entregue sem bombardeamentos e, esperamos, permitir a reabertura dos locais de passagem, a entrada de materiais essenciais e de trabalhadores humanitários, e a revitalização do setor privado de Gaza. O rápido aumento da ajuda humanitária na Faixa de Gaza após o cessar-fogo, com mais de 4.200 camiões a chegarem nos primeiros seis dias¹, ilustra a capacidade de entrega de ajuda em larga escala, quando as restrições israelitas são aliviadas. No âmbito do DIH e das medidas do TIJ, Israel deve garantir sem quaisquer entraves a entrega de ajuda e a proteção dos civis, com ou sem acordo. Esta pausa deve conduzir a um cessar-fogo permanente e abrir caminho a uma abordagem das causas profundas de uma crise de direitos e de proteção que dura há décadas.

Contudo, esta pausa não apaga as atrocidades cometidas ao longo do último ano, desde as ordens do TIJ. Nem absolve os Estados terceiros das suas obrigações legais, ao abrigo do Artigo 1 comum às Convenções de Genebra ou do Artigo 1 da Convenção sobre o Genocídio, em prevenir o crime de genocídio. Embora o Artigo 1 da Convenção sobre o Genocídio tenha sido acionado quando o TIJ determinou haver risco de genocídio em Gaza, alguns Estados-membros continuaram a fornecer armas, inteligência, assistência militar e apoio ao Governo de Israel e não denunciaram violações nem agiram para as prevenir, tornando-se potencialmente cúmplices na catástrofe humanitária.

Um cessar-fogo é um passo importante, mas não responde à ocupação sistémica, ao cerco e à negação dos direitos dos palestinos, que necessitam de justiça, liberdade e dignidade — objetivos que devem permanecer centrais, enquanto procuramos responsabilização e soluções duradouras para esta crise.

CONTEXTO GERAL

MEDIDAS PROVISÓRIAS SOBRE GAZA

Passado um ano do TIJ ter emitido as medidas provisórias para fazer face ao risco de genocídio em Gaza, a situação deteriorou-se, reforçando o enorme falhanço na implementação dessas medidas até à entrada em vigor do acordo de cessar-fogo. Embora este relatório avalie o cumprimento por parte de Israel de permitir a entrada de ajuda humanitária, os dados disponíveis também destacam violações claras de outras medidas provisórias.

O que nós, como organizações humanitárias operacionais em Gaza, testemunhámos ao longo destas hostilidades está em linha com as descrições de diversos especialistas jurídicos e organizações, que relatam que crimes atrozes (incluindo crimes de guerra, crimes contra a humanidade e genocídio) estão a ocorrer em Gaza, sendo frequentemente citada a limpeza étnica entre estas violações. Embora não tenhamos mandato para determinar a intenção, as mortes em massa, os danos físicos e mentais graves, o deslocamento forçado e as condições de vida insustentáveis são inegáveis e temos repetidamente relatado estas situações. Relatórios da [Amnistia Internacional](#), [Médicos Sem Fronteiras](#), [Human Rights Watch](#), [ACNUDH](#), [especialistas da ONU](#), incluindo a [Relatora Especial da ONU Francesca Albanese](#), e uma série de especialistas académicos de renome mundial disponibilizam documentação e análise crítica que alerta para conclusões semelhantes.

Indicadores do Grau de Cumprimento das Medidas Provisórias do TIJ:

“O Estado de Israel deve tomar medidas imediatas e eficazes para permitir a prestação de serviços básicos urgentemente necessários e de ajuda humanitária, para enfrentar as condições de vida adversas enfrentadas pelos palestinianos na Faixa de Gaza.”

Ordem do TIJ de 26 de janeiro de 2024, parágrafo 86(4).

Para avaliar o cumprimento por parte de Israel desta ordem, foi proposto um conjunto de 5 indicadores pelas organizações signatárias, refletindo os elementos essenciais para fornecer ajuda humanitária de forma oportuna, eficiente e escalável (alimentos, água, abrigo e vestuário, higiene, provisões médicas e cuidados de saúde) de acordo com as necessidades de 2,2 milhões de pessoas:

1 Disponibilização de ajuda essencial suficiente

2 Entrega suficiente e atempada de provisões

3 Acesso e mobilidade seguros e desimpedidos

4 Ambiente operacional adequado e seguro.

5 Proteção de serviços básicos, infraestruturas e profissionais humanitários

Os resultados baseiam-se em dados públicos disponibilizados por agências da ONU e Organizações Não Governamentais (ONG), bem como em evidências recolhidas através de um inquérito realizado junto de 35 organizações humanitárias nacionais e internacionais operacionais na Faixa de Gaza. Este inquérito foi conduzido antes da pausa nas hostilidades, de 2 a 14 de janeiro de 2025, e incluiu duas secções: uma cobre dados anuais, de 26 de janeiro de 2024 a 31 de dezembro de 2024, e outra dados mensais, de 11 de dezembro de 2024 a 9 de janeiro de 2025. Através de um questionário, o inquérito recolheu informações quantitativas e qualitativas sobre tópicos como atrasos e recusas de envio de ajuda humanitária, ataques a instalações humanitárias e transferências forçadas de trabalhadores humanitários. Também incluiu a avaliação da classificação dos procedimentos de coordenação com as autoridades israelitas, bem como a evolução da situação humanitária ao longo de 2024, em relação às ações das autoridades e forças israelitas.

1 A disponibilização de ajuda humanitária essencial caiu para o mínimo necessário a sustentar a vida.

ALIMENTAÇÃO



Em setembro de 2024, 15 organizações de ajuda humanitária, incluindo o Conselho Norueguês para Refugiados (NRC), CARE, ActionAid e Oxfam, relataram que 83% da ajuda alimentar necessária não chegava à Faixa de Gaza. Esta redução fez com que as pessoas passassem de uma média de 2 refeições por dia para apenas 1 refeição a cada dois dias³. A 8 de novembro, a Classificação da Fase Integrada de Segurança Alimentar (IPC) alertou para o facto de 1,8 milhões de pessoas enfrentarem fome extrema e a probabilidade de a fome já estar a atingir o norte de Gaza⁴

ÁGUA



Em julho de 2024, foi relatado que, desde outubro de 2023, as pessoas em Gaza dispunham de apenas 4,74 litros de água por pessoa/dia para todos os usos, incluindo beber, cozinhar e higiene, o que indica uma redução de 94% em relação ao período anterior e menos de um terço do padrão mínimo internacionalmente aceite para sobrevivência básica em emergências⁵

ABRIGO



1,6 milhões de palestinianos vivem em abrigos improvisados em toda a Faixa de Gaza, com milhares de famílias deslocadas a viver em tendas ao longo da costa no sudoeste de Gaza, sendo particularmente afetadas por inundações e a subida do nível do mar.⁶ Em setembro de 2024, o NRC alertou que 1 milhão de palestinianos precisavam de ajuda para abrigo antes do inverno, instando que a quantidade de kits de isolamento permitidos por Israel era perigosamente insuficiente⁷ Em meados de dezembro de 2024, o *cluster* dedicado a questões de abrigo estimou que pelo menos 945.000 pessoas ainda precisam de ajuda urgente para enfrentar o inverno, como roupas térmicas, cobertores e lonas para selar os abrigos da chuva e do frio. Como resultado, pelo menos 7 recém-nascidos e 1 trabalhador médico morreram de hipotermia e frio extremo em tendas no centro e sul de Gaza.⁹

HIGIENE



Em setembro, os *clusters* de WASH e Saúde alertaram para a grave escassez de itens essenciais de higiene, como sabão, champô e detergentes, o que aumenta de forma perigosa o risco de doenças transmissíveis. As suas estimativas referem que Gaza enfrenta necessidades não atendidas de cerca de 5 milhões de barras de sabão e meio milhão de frascos de champô e detergente por mês.¹⁰

PROVISÕES MÉDICAS E CUIDADOS DE SAÚDE



Entre as cerca de 111.000 pessoas feridas, mais de 22.500 sofreram lesões que alteram as suas vidas e carecem de serviços de reabilitação imediatos e de longo prazo, bem como de dispositivos de assistência¹¹, incluindo uma média de 475 crianças por mês — 15 crianças por dia¹²— que sofrem de deficiências potencialmente permanentes, como ferimentos graves em membros e deficiências auditivas devido ao uso de armas explosivas em Gaza em 2024. Com o colapso dos sistemas de saúde, água e saneamento, a escassez de medicamentos e as condições de sobrevivência desumanas a que os palestinianos foram forçados, estão a disseminar-se doenças transmissíveis, como doenças de pele infecciosas, infeções do trato respiratório superior, doenças do trato reprodutivo e diarreia.¹³ Não existe capacidade de tratamento de doenças crónicas, deixando os doentes, incluindo 10.000 pessoas com cancro, com acesso severamente limitado a cuidados.¹⁴ Em setembro de 2024, o Ministério da Saúde (MdS) estimou que 70% dos medicamentos e 83% das provisões de saúde estavam esgotados,

obrigando hospitais e unidades de saúde a suspender serviços como cirurgias cardíacas, cateterização cardíaca e substituição de articulações.¹⁵ O impacto psicológico nos palestinos em Gaza é incalculável. Num estudo de avaliação de necessidades sobre crianças com deficiências, feridas, separadas ou desacompanhadas, o Community Training Center and Crisis Management (CTCCM) descobriu que 96% das crianças sentem que a morte é iminente, refletindo ainda mais o impacto psicológico generalizado e chocante nas crianças.¹⁶ A Save the Children relatou que a escala e a gravidade dos danos infligidos às crianças de Gaza não só põem em risco as suas vidas, mas também ameaçam o próprio tecido da sociedade palestina para as gerações vindouras.¹⁷

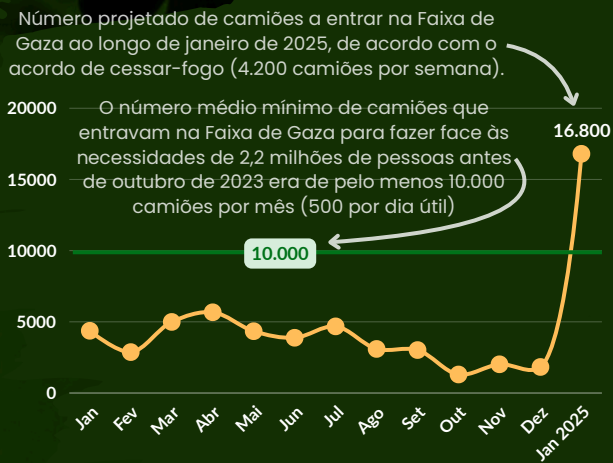
2 Israel tem negado e restringido sistematicamente a entrega de ajuda humanitária em Gaza

As provisões essenciais que entram em Gaza caíram para níveis perigosamente baixos

Não houve um verdadeiro aumento da capacidade e dos pontos de passagem terrestres

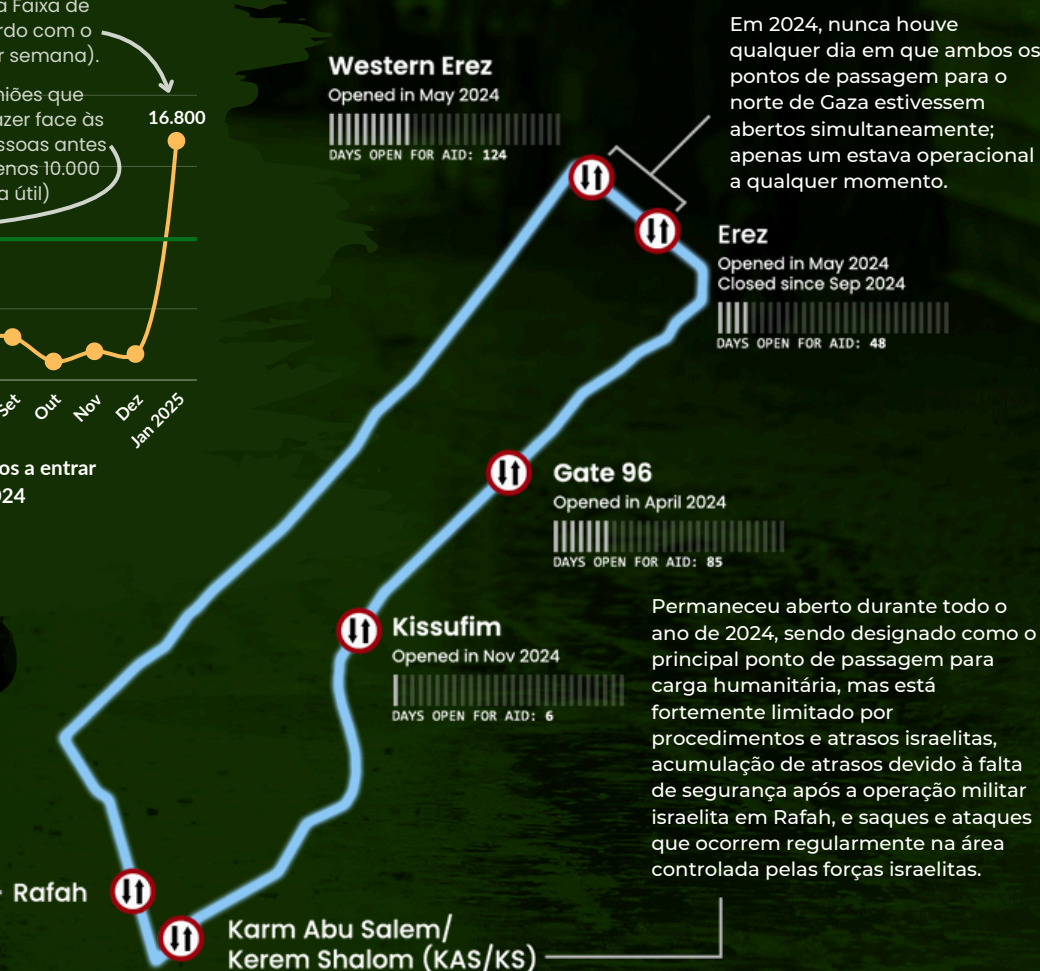
No mínimo, eram necessários pelo menos 10.000 camiões por mês para atender às necessidades de sobrevivência de 2,2 milhões de pessoas em Gaza (500 por cada dia útil) antes de outubro de 2023. Em 2024, no mês com maior entrada de ajuda (abril), pouco menos de 5.700 camiões conseguiram entrar. Registou-se um declínio constante e sistemático para apenas 1.830 em dezembro de 2024.¹⁸ Mas contar apenas o número de camiões que chegam à fronteira não permite avaliar se as populações afetadas realmente receberam ajuda suficiente (ver indicador 5).

Embora as autoridades israelitas anunciassem com frequência a abertura de novos pontos de passagem, essas declarações eram muitas vezes revertidas e raramente sustentadas na prática, com a capacidade funcional a permanecer muito suprimida. As horas de operação eram muito limitadas e os camiões de ajuda só podiam aceder aos pontos de passagem de forma esporádica, pois os dias de abertura eram limitados*:



Número de camiões humanitários a entrar em Gaza por mês em 2024

Operacional no início de 2024, serviu como principal passagem para Gaza até seu encerramento a 6 de maio, quando Israel lançou a sua ofensiva terrestre em Rafah.



*Fonte: UNRWA Supplies and Dispatch Tracking.

As autoridades israelitas restringiram a abertura de corredor essencial de ajuda humanitária.

ONG relatam atrasos cada vez mais prolongados

A partir de outubro de 2023, as autoridades israelitas não permitiram o uso de um corredor humanitário da Cisjordânia, território a menos de 50 quilômetros de distância, onde estão disponíveis provisões para a resposta humanitária. Aberta em agosto de 2024, a passagem foi novamente encerrada pelas autoridades israelitas em dezembro de 2024, **impedindo durante um mês a importação pela Anera de 54 paletes de medicamentos, 72 paletes de roupas de inverno e 32 paletes de fórmulas para bebês.**

Em dezembro, 16 agências de ajuda humanitária relataram atrasos nos seus envios de ajuda, com, por exemplo, a Oxfam e a Anera a relatarem **atrasos de 1 a 2 meses.**

As ONG participantes no inquérito citaram as seguintes razões para os atrasos:



Duração das aprovações



Aumento da atividade militar e verificações de segurança nos pontos de passagem



Duração das inspeções



Ausência de coordenação durante os feriados israelitas



Priorização de itens



Restrições no número de camiões e tipos de mercadoria permitidos em estradas com barricadas.



Inexistência de estradas seguras



Normas de paletização inadequadas para certos itens de ajuda



Atrasos nas filas e desafios logísticos nas passagens de fronteira



Pré-aprovações e procedimentos gerais de coordenação com o COGAT



A decisão das autoridades israelitas de suspender o corredor humanitário da Cisjordânia

A ONU relatou repetidamente recusas, atrasos ou falta de reatividade por parte das autoridades israelitas para melhorar as condições de importação de ajuda para a Faixa de Gaza, como restrições ao uso da estrada externa barricada (incluindo o número de motoristas autorizados por Israel) e a recusa de pedidos para testar rotas alternativas ou ajustes operacionais para facilitar a recolha segura de carga nos pontos de passagem.¹⁹ **88% das agências pesquisadas que importam provisões classificadas por Israel como de 'duplo uso' afirmam que o procedimento para esses bens impedia sistematicamente a entrega de ajuda.** 12% dizem que o procedimento é parcialmente eficaz, mas insuficiente para atender às necessidades. Abaixo estão exemplos concretos de negação de ajuda das ONG pesquisadas:

Procedimentos israelitas de coordenação com o setor humanitário impediram a entrada de ajuda em vez de a facilitarem.

Em 2024, 2 organizações afirmaram de forma anônima que o chamado procedimento de 'duplo uso' as impediu de importar total ou parcialmente remessas com **equipamentos médicos, equipamentos de proteção individual (EPI), lonas, artigos para o inverno, cozinhas móveis e kits de higiene.**

Em dezembro de 2024, a Oxfam relatou duas rejeições de **insumos agrícolas**²⁰ e **sementes** pelo COGAT com o argumento de que esses itens não estão atualmente classificados na categoria de ajuda humanitária.

Em dezembro de 2024, 1 organização relatou anonimamente que 1.000 toneladas de **alimentos essenciais, materiais médicos e educacionais** foram negadas pelas autoridades israelitas, devido a preocupações de segurança, classificação como itens de 'duplo uso' e operações militares em curso que levaram ao encerramento dos pontos de passagem.

Em dezembro, a TdH Itália relatou que 21 paletes de **kits de higiene** e 5 paletes de **medicamentos** receberam múltiplas rejeições de pré-aprovação do COGAT através do mecanismo UN2720.

95%
(21/22)

das agências que importaram provisões para a Faixa de Gaza em 2024, afirmaram que regularmente enfrentaram atrasos de **mais de 2 semanas**, com a Oxfam, War Child, CESVI e TdH Itália a relatar atrasos de **mais de dois meses.**

100%

das agências pesquisadas que importam provisões para Gaza, afirmam que antes da suspensão, os procedimentos israelitas para a entrada de ajuda eram **ineficazes e impediam sistematicamente a resposta humanitária, ou eram insuficientes para atender às enormes necessidades.**

As ações israelitas permitiram pilhagens armadas.

A deterioração da lei e da ordem em Gaza, que resultou na pilhagem da ajuda humanitária, foi facilitada pelo facto das forças israelitas terem como alvo sistemático a polícia civil de Gaza.²¹ Os média relataram que os gangues 'podem estar a beneficiar de uma convivência passiva, se não ativa' ou 'proteção' do exército israelita.²² No inquérito, **7 agências de ajuda humanitária relataram que os riscos de pilhagem armada se tornaram tão elevados em dezembro de 2024 que tiveram de cancelar o envio de ajuda**, o que impediu a entrada de roupas e kits de inverno, tendas, alimentos, provisões médicas, itens de WASH e artigos de inverno.

Obstrução israelita à entrada de artigos de inverno

Devido à obstrução israelita à entrada de ajuda, os atores humanitários foram forçados a operar sem a preparação adequada para enfrentar o inverno. Atrasos nas autorizações das autoridades israelitas para artigos de inverno e a sua indisponibilidade no mercado local deixaram **muitas organizações incapazes de preparar as instalações humanitárias para o inverno**, nomeadamente cozinhas, postos médicos e clínicas, com profundo impacto nas operações de ajuda humanitária e nas comunidades. A *Ajyal* reportou que a **falta de artigos de inverno levou a inundações e danos nos seus equipamentos de campo e tendas para pessoas deslocadas**.

Autoridades israelitas continuam a obstruir as evacuações médicas

Até 20 de novembro de 2024, dos 15.600 casos solicitados para evacuação médica, apenas 5.244 (34%) foram efetuados desde outubro de 2023, com apenas 342 doentes evacuados desde o encerramento de Rafah, em maio de 2024.²³

3 Israel negou e impediu sistematicamente o acesso humanitário no interior de Gaza.

Missões coordenadas pela ONU e ONG internacionais sistematicamente negadas ou impedidas pelas autoridades israelitas



Na Faixa de Gaza, as autoridades israelitas foram notificadas das missões de ajuda planeadas, através do Sistema de Notificação Humanitária (HNS).²⁴ No entanto, a utilização deste sistema impediu sistematicamente os movimentos humanitários: de acordo com o OCHA, em 2024, **47% de todas as missões planeadas e coordenadas foram negadas, impedidas ou canceladas a sul de Wadi Gaza. A percentagem das que foram negadas, impedidas ou canceladas em 2024 atinge 60%.**²⁵ Na pesquisa que incluiu 35 organizações de ajuda humanitária, **74% das agências que utilizam o HNS consideram-no parcialmente funcional, mas insuficiente para atender às enormes necessidades. 26% consideram-no totalmente ineficaz.** Além disso, vários comboios de ajuda foram atingidos por ataques israelitas, apesar do uso do HNS (ver indicador 3).

O corredor militar israelita que separa o norte do sul de Gaza criou barreiras físicas que impedem a entrega de ajuda, intensificando o cerco já asfixiante



Ao longo de 2024, a ONU e as ONG relataram que os 2 postos de controlo militares israelitas de Al Rasheed e Salah Al Din, que nunca foram abertos simultaneamente, não conseguiram atender às necessidades humanitárias mais essenciais devido a:

- persistente abertura tardia dos postos de controlo face ao horário programado
- janela de tempo cada vez mais restritiva e errática,
- imposição de pontos de espera e longos atrasos que criaram riscos de segurança de várias horas para os comboios de ajuda,
- questões técnicas não resolvidas sem alternativas,²⁶
- decisões imprevisíveis e ad hoc por parte dos soldados,²⁷
- verificações de segurança discriminatórias, submetendo trabalhadores humanitários palestinos a riscos adicionais.²⁸

Isto criou estrangulamentos operacionais graves e aumentou os riscos de segurança num ambiente já volátil. O bloqueio do norte de Gaza intensificou-se no final de 2024, com as forças israelitas a impedirem ou a negarem a passagem de 58% dos movimentos de ajuda humanitária através dos postos de controlo militares em dezembro de 2024.²⁹

As forças israelitas impuseram cerco dentro de outro cerco no norte de Gaza, de 6 de outubro de 2024 até ao cessar-fogo.



Entre 6 de outubro de 2024 e 2 de janeiro de 2025, **de 166 tentativas de acesso humanitário a Beit Lahia, Beit Hanoun e partes de Jabalia, 150 foram recusadas (90%)** e 16 foram inicialmente aprovadas, mas enfrentaram interferências ou recusas no terreno,³⁰ impedindo o acesso da população a ajuda essencial, incluindo alimentos, água e provisões médicas. **Das 16 organizações pesquisadas que tinham operações na província do norte de Gaza antes de 6 de outubro de 2024, 14 relataram que elas ou os seus parceiros já não podiam efetuar entregas devido a recusas, operações militares israelitas e ordens de deslocamento.** A CARE e 1 organização que optou por permanecer anónima, as únicas duas agências pesquisadas que conseguiram realizar entregas limitadas de ajuda no norte de em dezembro, relataram especiais desafios, com missões canceladas ou adiadas, devido a operações militares, ou acesso restrito, em virtude de atrasos na obtenção de autorizações das autoridades israelitas.

4 As políticas e ações das autoridades israelitas desmantelaram a arquitetura humanitária e o ambiente operacional na Faixa de Gaza

As políticas das autoridades israelitas ameaçam toda a arquitetura humanitária nos Territórios Palestinos Ocupados (TPO)

Em outubro de 2024, o Knesset israelita aprovou legislação que proíbe a UNRWA, a espinha dorsal insubstituível da resposta humanitária e da prestação de serviços, de operar dentro de Israel e revoga o acordo Israel-UNRWA de 1967 que previa as condições para a UNRWA operar com segurança nos Territórios Palestinos Ocupados (TPO). A decisão do Governo de Israel de 9 de dezembro de 2024,³¹ que inclui condições para o registo de ONG internacionais e vistos de trabalho para funcionários internacionais que não realizem atividades de "deslegitimação contra o Estado de Israel", representa outra séria ameaça a toda a resposta humanitária e à presença das ONG internacionais nos TPO.

Ofensivas militares israelitas e ordens de deslocamento forçado despovoaram grandes áreas de Gaza e deslocaram 90% da população.

Quase todos os palestinos em Gaza vivem em condições desumanas, sem acesso adequado a alimentos, água, cuidados de saúde e instalações sanitárias. Longe de cumprir as condições para um deslocamento legal, como o termo "ordens de evacuação" sugere, estas ordens deslocaram à força 90% da população - com 1,6 milhões de pessoas a viver em tendas improvisadas sob frio constante e risco de inundações -, paralisaram o funcionamento dos hospitais e interromperam o acesso à ajuda humanitária. **Em dezembro de 2024, a MdM relatou que 19 colegas sobreviviam em tendas improvisadas sob condições adversas, enquanto outros 8 viviam em habitações severamente deterioradas, incluindo garagens, uma escola superlotada e um edifício sem telhado e paredes.**

94%

Dos trabalhadores humanitários das organizações participantes no inquérito, muitos **foram deslocados pelo menos 1 vez - muitos deles várias vezes.** Como resultado, muitos trabalhadores humanitários estão a viver em condições extremamente precárias.

Ofensivas das forças israelitas e ordens de deslocamento forçado atiraram os civis e trabalhadores humanitários para áreas cada vez menores, interrompendo severamente a resposta humanitária.

Desde 26 de janeiro de 2024, as autoridades israelitas emitiram 56 ordens de deslocamento (de um total de 82 desde 7 de outubro de 2023).³² Com 80,5% da Faixa de Gaza sob ordens de deslocamento israelitas antes da pausa nas hostilidades,³³ os civis, incluindo trabalhadores humanitários, estavam em risco ainda maior.³⁴



das agências de ajuda humanitária pesquisadas foram forçadas a realocar as suas operações pelo menos 1 vez desde as ordens do TIJ, sobretudo devido às ordens de deslocamento israelitas e às ofensivas militares. Quase todas tiveram que se realocar várias vezes.

A PMRS relata dezenas de realocações forçadas dos seus postos médicos, pelo facto das suas equipas e instalações serem alvos diretos, incluindo de bombardeamentos.

A Anera teve que realocar ou fechar cozinhas comunitárias, centros de distribuição e clínicas de saúde pelo menos 4 vezes devido às ordens de deslocamento.

A War Child relatou que foi forçada a interromper temporariamente a prestação de serviços pelo menos 7 vezes devido a ordens de deslocamento e ofensivas militares.

Estas ordens militares esvaziaram sistematicamente áreas inteiras de população e de trabalhadores humanitários. Só em agosto, 16 ordens das forças israelitas deslocaram à força mais de 260.000 civis de 22% do território de Gaza e interromperam severamente o acesso à ajuda humanitária. Pelo menos 24 ONG, incluindo NRC, Oxfam, WarChild, ActionAid, CARE e MdM, foram afetadas negativamente.³⁵

Certo total ao norte de Gaza

No norte de Gaza, a ofensiva militar israelita de 3 meses e o cerco completo, apoiados por ordens de deslocamento forçado, interromperam os serviços básicos e a infraestrutura humanitária na área isolada. Enquanto negavam sistematicamente a entrada de ajuda essencial nas zonas sitiadas (ver indicador 2 acima) e submetiam estas áreas a intensos bombardeamentos, as forças israelitas fecharam 2 hospitais parcialmente funcionais, deslocaram à força pacientes e sequestraram pessoal médico, obliterando o que restava do sistema de saúde da província. A maioria das ONG com operações no norte de Gaza, incluindo MedGlobal, Oxfam, CARE e IRC, foram forçadas a suspender as intervenções na área.³⁶ Várias ONG relataram que os seus trabalhadores humanitários foram submetidos a tratamento humilhante e degradante enquanto eram deslocados à força dos bairros sitiados.³⁷

A sul de Wadi Gaza, as ordens das autoridades israelitas forçaram milhares de pessoas a deslocarem-se para Al Mawasi.

Al Mawasi, designada unilateralmente pelas autoridades israelitas como "zona humanitária", é uma faixa costeira propensa a inundações com condições de inverno severas, serviços inadequados e sobrelotação extrema, onde famílias vivem em tendas improvisadas, frequentemente inundadas durante tempestades. Na verdade, a área em Gaza para onde as forças israelitas disseram às pessoas para irem "para sua segurança" foi atingida por pelo menos 97 ataques desde maio.³⁸ **Na pesquisa, 3 agências de ajuda humanitária afirmaram que, em pelo menos 2 ocasiões, as suas instalações na "zona humanitária" foram danificadas por ataques aéreos israelitas.** Várias ONG, incluindo a WeWorld³⁹ e a Mercy Corps,⁴⁰ relataram que os seus movimentos foram impedidos ou recusados pelas autoridades israelitas em Al Mawasi ou na "zona humanitária".

O ambiente operacional humanitário também é dificultado pelas restrições impostas pelas autoridades israelitas à entrada de trabalhadores humanitários nos TPO, incluindo na Faixa de Gaza.



das organizações que necessitam de vistos de trabalho B1 relataram que têm trabalhadores humanitários, principalmente em funções essenciais de gestão, enfrentando barreiras de acesso aos TPO devido à negação de vistos B1 pelas autoridades israelitas desde outubro de 2023.

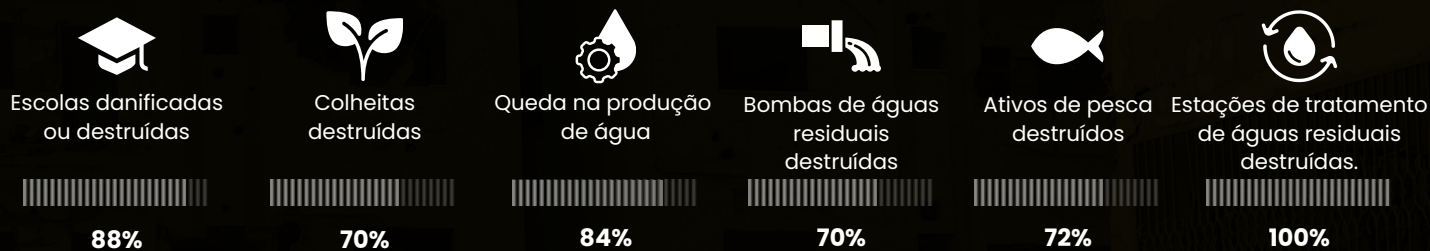
As agências humanitárias relataram um total de **38 casos em que os seus trabalhadores humanitários tiveram recusa de entrada, foram banidos ou receberam apenas vistos de turista de curta duração (menos de 3 meses)**, ao tentar entrar no país desde outubro de 2023. **67% qualificaram o processo de rotatividade de pessoal estrangeiro, incluindo limitações de entrada com apenas 2.800 USD, como não eficaz, impedindo as suas operações de ajuda. As restantes 33% qualificaram o procedimento como insuficiente para atender à grande escala de necessidades.** Desde outubro de 2023, as autoridades israelitas bloquearam autorizações de entrada a trabalhadores humanitários com identificação da Cisjordânia palestina, dificultando ainda mais a rotatividade necessária de equipas humanitárias.

5 Ataques sistemáticos das forças israelitas a serviços básicos e infraestruturas e pessoal humanitário.

As forças israelitas têm atacado sistematicamente infraestruturas de serviços essenciais desde que o TIJ emitiu as primeiras medidas provisórias.

Desde 26 de janeiro de 2024, a OMS reportou **pelo menos 26 ataques ao setor da saúde na Faixa de Gaza**.⁴¹ Dos 36 hospitais principais que serviam cerca de 2 milhões de palestinos, apenas 18 mantêm-se parcialmente funcionais, com profundas limitações no tipo de serviços que podem disponibilizar. Em dezembro de 2024, pelo menos **88% das escolas, a maioria utilizadas como abrigo para as pessoas deslocadas, foram destruídas ou danificadas**, havendo vários relatos de incursões nas mesmas pelas forças israelitas para forçar as pessoas a sair, incluindo na chamada zona “humanitária”.⁴² A autossuficiência de Gaza na produção alimentar também foi desmantelada, com 72% dos ativos do setor das pescas destruídos,⁴³ bem como 70% das colheitas arrasadas e meios de subsistência dizimados.⁴⁴ Em julho, a Oxfam constatou que a destruição das infraestruturas de água e eletricidade e as restrições à entrada de peças e combustível fizeram com que a produção de água caísse 84% em Gaza. 70% das bombas de águas residuais e 100% das estações de tratamento de águas residuais também foram destruídas por ataques.⁴⁵

DESTRUIÇÃO DOS SERVIÇOS BÁSICOS NA FAIXA DE GAZA.



377 trabalhadores humanitários mortos e pelo menos 262 profissionais de saúde detidos arbitrariamente, desde 7 de outubro de 2023⁴⁶

Entre eles, pelo menos 116 trabalhadores humanitários da ONU foram mortos desde a ordem do TIJ em janeiro de 2024 até ao cessar-fogo.⁴⁷ Em março de 2024, a ONU referiu que este foi o conflito mais mortal para o seu pessoal desde a sua criação.⁴⁸

Infraestruturas humanitárias e civis em busca de ajuda têm sido repetidamente atacadas por forças israelitas.

A Humanity and Inclusion (HI), MdM, War Child, o Programa Comunitário de Saúde Mental de Gaza (GCMHP), o Centro de Treino Comunitário e de Gestão de Crises (CTCCM), a Save Youth Future Society (SYFS) e uma agência com relato anónimo, afirmaram que **os seus escritórios na Cidade de Gaza foram muito danificados ou destruídos por ataques aéreos ou incursões terrestres israelitas. 3 centros médicos da PMRS foram completamente destruídos por ataques aéreos israelitas.**

72%

das agências humanitárias relataram que as suas instalações sofreram danos devido a ataques aéreos ou terrestres por forças israelitas pelo menos 1 vez desde 26 de janeiro de 2024, com muitas a referir múltiplos ataques.

Os seguintes exemplos não exaustivos destacam o padrão sistemático de ataques por forças israelitas a operações humanitárias - apesar dos mecanismos estabelecidos de notificação e de coordenação - e a civis em busca de ajuda, desde que o TIJ emitiu as medidas provisórias iniciais.

Entre 26 de janeiro de 2024 e 26 de janeiro de 2025:

5 de fev de 2024

Um comboio de alimentos coordenado pela ONU foi diretamente atingido por fogo naval israelita em 5 de fevereiro, enquanto aguardava, conforme exigido pelo exército israelita.

29 de fev de 2024

Tropas israelitas dispararam contra uma multidão reunida para recolher farinha no sudoeste da Cidade de Gaza, matando pelo menos 112 pessoas e ferindo cerca de 760.

13 de mar de 2024

Um ataque aéreo israelita atingiu um centro de distribuição de alimentos humanitário em Rafah.

13 de mai de 2024

Forças israelitas atingiram um veículo da ONU que se dirigia para o Hospital Europeu de Gaza, no leste de Khan Younis, matando um funcionário da ONU e ferindo outro.

1 de abr de 2024

Ataques israelitas atingiram um comboio de alimentos coordenado pela World Central Kitchen (WCK), matando 7 trabalhadores humanitários.

12 de jun de 2024

As forças israelitas demoliram um armazém da HI em Rafah, onde estavam armazenados quase 200 paletes de equipamentos humanitários, apesar de a sua localização e função terem sido comunicadas às autoridades israelitas.

2 de nov de 2024

Um centro de cuidados primários de saúde no norte de Gaza foi atingido enquanto os pais levavam os seus filhos para a vacinação contra a poliomielite, numa área onde tinha sido acordada uma pausa humanitária para permitir a vacinação.

27 de ago de 2024

Forças israelitas dispararam contra um comboio do Programa Alimentar Mundial (PAM), que se encontrava identificado, causando enormes danos, apesar do movimento ter sido totalmente coordenado com antecedência.

30 de nov de 2024

Em apenas um dia, 3 diferentes ataques aéreos israelitas mataram 1 chef de uma cozinha comunitária palestina que alimentava centenas de famílias na sitiada Beit Lahia, 1 funcionário da Save the Children e 3 funcionários da World Central Kitchen (WCK), levando esta última a suspender as suas operações.

3 de jan de 2025

Após a DCA/NCA e o seu parceiro terem fornecido ajuda ao campo de refugiados de Yafa em Deir Al Balah, um ataque aéreo israelita atingiu a comunidade, danificando infraestruturas e tendas fornecidas pelas ONG. "As crianças ficaram toda a noite ao relento, sem aquecimento ou proteção contra o frio", disse um colega. No mesmo fim de semana, um míssil israelita atingiu um armazém do PAM operado pela MA'AN, em Deir Al Balah, matando 2 trabalhadores humanitários e ferindo gravemente outro.⁴⁹

27 de dez de 2024

Após submeterem a instalação de saúde a um cerco de 12 semanas, as forças israelitas invadiram o hospital de Kamal Adwan e incendiaram-no, deslocaram à força os pacientes e raptaram o pessoal médico, o que colocou fora de serviço o último grande prestador de cuidados de saúde no norte de Gaza.

DESRESPEITO PELO OUTRO

MEDIDAS PROVISÓRIAS DO TIJ

Embora este relatório tenha constatado que as autoridades israelitas não implementaram a medida do TIJ de janeiro de 2024 sobre ajuda humanitária, ordens subsequentes emitidas em março e maio de 2024 destacam ainda mais o não cumprimento de Israel e o agravamento das condições em Gaza.

Março de 2024

Foi ordenado a Israel que garantisse ajuda humanitária sem impedimentos, se abstivesse de ações militares que obstruíssem a ajuda e que cooperasse plenamente com as Nações Unidas. A proibição das operações da UNRWA é uma violação flagrante das medidas do TIJ e agrava ainda mais a crise humanitária.

Maio de 2024

Em maio de 2024, o TIJ pediu a Israel que cessasse e retirasse a sua ofensiva militar em Rafah e mantivesse abertos os pontos de passagem terrestres, em particular o de Rafah, para a ajuda humanitária. Ambos os pedidos foram não foram atendidos. A ofensiva intensificou-se, provocando o deslocamento de dezenas de milhares de pessoas. A passagem de Rafah — uma das 7 passagens para Gaza — permaneceu completamente fechada desde a ofensiva terrestre e a destruição completa da cidade até ao cessar-fogo. Na pesquisa, a Anera e a Plan International destacaram a grave interrupção do corredor do Egito e da passagem de Karm Abu Salem/Kerem Shalom devido à ofensiva israelita em Rafah, em maio de 2024, causando a suspensão temporária ou a impossibilidade de entrada dos seus carregamentos de ajuda humanitária, originalmente destinados a Rafah.

Estas falhas aprofundam a crise e reforçam a impunidade face às violações do direito internacional, exigindo uma ação internacional urgente para fazer cumprir o direito internacional e as diretivas do TIJ.

O TIJ também ordenou a Israel que prevenisse atos de genocídio, incluindo matar, causar danos corporais ou mentais graves, impedir nascimentos dentro de grupos e infligir determinadas condições de vida para destruir grupos total ou parcialmente. Desde outubro de 2023, **mais de 47.161 palestinos foram mortos, 10.000 estão desaparecidos e mais de 111.166 ficaram feridos.**⁵⁰ Pesquisas sugerem que os números reais são provavelmente muito mais altos do que os relatados pelo Ministério da Saúde em Gaza.⁵¹

A violência e destruição contínuas devastaram infraestruturas civis essenciais à sobrevivência, incluindo hospitais, poços de água, sistemas de águas residuais, instalações de produção de água, moinhos de trigo, terras agrícolas, redes elétricas e outros sistemas críticos. Escolas e instalações de ensino foram danificadas, destruídas e, se não, usadas como abrigos, negando às crianças o acesso à educação. Estradas e redes de transporte foram destruídas, dificultando o movimento de mercadorias, ajuda e pessoas. Mercados e centros comerciais foram interrompidos, cortando o fornecimento essencial de alimentos e a atividade económica. Sistemas de comunicação foram danificados, limitando a coordenação humanitária e isolando famílias. A destruição de casas e abrigos deixou inúmeras famílias expostas a condições adversas. Estações de tratamento de águas residuais e sistemas de saneamento ficaram inoperáveis, aumentando o risco de surtos de doenças. Instalações de armazenamento e distribuição de combustível também foram alvo, exacerbando ainda mais a crise ao privar a população de eletricidade, aquecimento e transporte. O impacto combinado destas situações criaram uma situação catastrófica, deixando os palestinos em Gaza sem os meios básicos de sobrevivência ou um futuro a que possam aspirar.

O alvo deliberado de instalações de saúde reprodutiva reflete ainda mais a intensificação do dano. O Hospital Al-Awda, o único a realizar cesarianas e a disponibilizar cuidados neonatais no norte de Gaza, esteve sob cerco, de outubro até o início de janeiro de 2025, impedindo que mulheres grávidas acedessem a serviços de forma segura e levando a que fossem submetidas a cesarianas e operações de emergência sem esterilização, anestesia ou analgésicos, devido ao bloqueio das autoridades israelitas a provisões médicas. Segundo a UNFPA, em outubro de 2024, mais de 15.000 mulheres grávidas em Gaza estavam à beira da fome e quase 3.000 viviam em condições de fome.⁵² O aborto espontâneo aumentou pelo menos 300% desde outubro do ano passado, de acordo com a Associação Palestina de Planeamento Familiar e Proteção.⁵³

Apesar da diretiva do TIJ para prevenir o incitamento ao genocídio, a retórica genocida tem permanecido sem controlo por parte dos oficiais. Declarações de altos funcionários israelitas têm sido amplamente documentadas por peritos,⁵⁴ com o acompanhamento contínuo dessa retórica a destacar a sua prevalência e a falta de responsabilização.⁵⁵

O TIJ também apelou à preservação de provas relacionadas com potenciais atos ilícitos, mas o acesso a Gaza para especialistas forenses, jornalistas e investigadores continua bloqueado. A destruição de locais críticos, como o Hospital Shifa e o Hospital Nasser, juntamente com a profanação de sepulturas,⁵⁶ levanta preocupações sobre a eliminação deliberada de provas. Relatórios da UNESCO⁵⁷ e de organizações de direitos humanos indicam a sistemática destruição de marcos culturais e históricos palestinos, ameaçando ainda mais a preservação da identidade.

APELOS À COMUNIDADE INTERNACIONAL

Desde que as medidas provisórias do TIJ foram emitidas, especialistas, académicos e organizações de direitos humanos — incluindo a Amnistia Internacional e a Human Rights Watch — alertaram sobre a prática de genocídio e atos genocidas em Gaza. O cessar-fogo acordado é um passo vital para parar de imediato a violência e permitir a ajuda humanitária, mas não resolve os riscos mais profundos nem apaga as violações que já aconteceram.

Um dos principais factos que explicam o fracasso em abordar os riscos de genocídio é a ineficácia das avaliações internacionais e dos mecanismos de responsabilização, incluindo os indicadores dos EUA.⁵⁸ Mesmo que as exigências dos EUA na sua carta de outubro de 2024 estivessem muito abaixo das necessidades mínimas e dos padrões humanitários, elas ainda não foram atendidas por Israel. Isso realça a questão mais ampla da inação internacional e da potencial cumplicidade.

A aplicação urgente das medidas provisórias do TIJ continua a ser essencial para garantir que Israel cumpra as suas obrigações legais, permita a ajuda humanitária sem impedimentos e aborde as causas profundas desta crise. A contínua inação levará, sem dúvida, a mais violações, colocando vidas em risco e erodindo o respeito pelo direito internacional.

O TEMPO PARA AGIR FOI ONTEM THE

O desrespeito de Israel pelas ordens do TIJ exige ação imediata. Embora o recente cessar-fogo tenha permitido um aumento na ajuda humanitária, o sofrimento e a perda de vidas, causados pela negação prolongada de ajuda, permanecem sem solução. Esforços imediatos e sustentados são necessários para garantir que os civis em Gaza recebem o apoio de que precisam e para evitar o retorno das restrições sistemáticas que alimentaram esta crise. Devem ser tomadas medidas imediatas para prevenir mais sofrimento entre os civis:

Os Estados terceiros devem garantir que Israel não retoma a obstrução em grande escala da ajuda humanitária observada antes da trégua de 19 de janeiro de 2024. Não responsabilizar Israel pode constituir um risco de normalização da impunidade face a violações do direito internacional em todo o mundo.

As mortes, deslocações forçadas, punições coletivas e outras atrocidades sistemáticas cometidas por Israel agravaram a crise humanitária em Gaza. Organizações de direitos humanos e especialistas jurídicos identificaram estas ações como potenciais genocídios e crimes de guerra. A comunidade internacional deve aplicar as medidas provisórias do TIJ, garantir a responsabilização e cumprir as obrigações dos Estados terceiros, ao abrigo da Convenção sobre o Genocídio, para prevenir e punir tais crimes, enquanto defende a justiça e os direitos humanos.

As armas e o financiamento continuam a alimentar violações do direito internacional e atrocidades contra os palestinos. Parar as transferências de armas é essencial para que os Estados cumpram as suas obrigações sob a Convenção sobre Genocídio e para prevenir novas violações, proteger os civis e defender a justiça internacional.

Os Estados terceiros devem cumprir as suas obrigações ao abrigo do direito internacional, incluindo, mas não se limitando à Convenção sobre o Genocídio, em particular o DIH e as medidas provisórias juridicamente vinculativas do TIJ. Estas obrigações exigem ação imediata para prevenir novas violações, garantir a responsabilização e implementar contramedidas para enfrentar a crise humanitária em curso e as violações do direito internacional.

REFERÊNCIAS

- 1 [Reuters, Large drop in number of aid trucks entering Gaza on Friday](#)
- 2 [Gaza Humanitarian Access Snapshot #1 \(15 July 2024\); Snapshot #2 \(15 – 29 July\); Snapshot #3 \(30 July – 12 August\); Snapshot #4 \(13 – 26 August 2024\); Snapshot #5 \(27 August – 10 September\); Snapshot #6 \(11 September – 9 October 2024\); Snapshot #7 \(10 October – 13 November\); Snapshot #8 \(13 November – 10 December 2024\)](#)
- 3 [Save the Children, ISRAEL'S SIEGE NOW BLOCKS 83% OF FOOD AID REACHING GAZA, NEW DATA REVEALS](#)
- 4 [Gaza Strip: Acute Food Insecurity Situation for September – October 2024 and Projection for November 2024 – April 2025 Integrated Food Security Phase Classification \(IPC\).](#)
- 5 [Oxfam, Water War Crimes: How Israel has weaponised water in its military campaign in Gaza](#)
- 6 [OCHA, Humanitarian Situation Update #241 | Gaza Strip](#)
- 7 [NRC, Gaza: A million Palestinians in need of shelter aid before winter](#)
- 8 [International Organization for Migration \(IOM\), Gaza Winter Deaths Are Preventable: Ceasefire, Access Needed for Shelter Aid](#)
- 9 [OCHA, Humanitarian Situation Update #251 | Gaza Strip](#)
- 10 [UNICEF, Health Cluster, WASH Cluster, Urgent action needed: A call to provide critical hygiene supplies to Gaza's vulnerable](#)
- 11 [WHO, WHO analysis highlights vast unmet rehabilitation needs in Gaza](#)
- 12 [Save the Children, Gaza: 15 Children a Day Left With Potentially Lifelong Disabilities in 2024](#)
- 13 [MSF, Life in a death trap in Gaza Palestine](#)
- 14 [WHO, oPt Emergency Situation Update – Issue 41 \(7 Oct 2023 – 20 August 2024\)](#)
- 15 [OCHA, Humanitarian Situation Update #220 | Gaza Strip](#)
- 16 [War Child, Needs Study: Impact of War in Gaza on Children with Vulnerabilities and Families](#)
- 17 [Save the Children, Missing Futures: The urgent need to protect Gaza's children and safeguard their futures](#)
- 18 [UNRWA, Gaza Supplies and Dispatch Dashboard](#)
- 19 [OCHA, Humanitarian Access Snapshot – Gaza Strip | 1–31 March 2024; Humanitarian Access Snapshot – Gaza Strip | September 2024](#)
- 20 [OCHA, Gaza Humanitarian Response Update | 5–18 January 2025](#)
- 21 [OCHA, Humanitarian Access Snapshot – Gaza Strip | Mid-February 2024; Humanitarian Access Snapshot – Gaza Strip | End-February 2024](#)
- 22 [The Washington Post, Gangs looting Gaza aid operate in areas under Israeli control, 18 November 2024; Haaretz, The Israeli Army Is Allowing Gangs in Gaza to Loot Aid Trucks and Extort Protection Fees From Drivers, 11 November 2024](#)
- 23 [WHO, oPt Emergency Situation Update, 7 October 2024 – 20 November 2024](#)
- 24

O Sistema de Notificação Humanitária (HNS) informa as partes em conflito sobre os locais e movimentos humanitários para aumentar a segurança do pessoal, dos locais e das operações humanitárias. Em Gaza, existem dois tipos de procedimentos de movimento do HNS com base nos níveis de risco: 1) Notificação e 2) Coordenação, para movimentos em áreas de maior risco. A notificação humanitária não altera as obrigações das partes em conflito ao abrigo do DIH, mas apoia a sua capacidade de cumprir essas obrigações, fornecendo informações sobre a presença humanitária. Fornecer informações de localização através do HNS é estritamente voluntário para os parceiros humanitários.
- 25

Os dados foram agregados a partir dos relatórios públicos da OCHA.
- 26 [OCHA, Humanitarian Access Snapshot January 2024, 1–30 April 2024, 1–31 May 2024, July 2024, August 2024, September 2024](#)
- 27 [Association of International Development Agencies \(AIDA\), Snapshot of Deprivation of Humanitarian Aid in the Gaza Strip, February 2024](#)
- 28 [Gaza Humanitarian Access Snapshot #1 \(15 July 2024\)](#)

- 29 OCHA, [Humanitarian Situation Update #251 | Gaza Strip](#)
- 30 OCHA, [Today's top news: Occupied Palestinian Territory, 2 January 2024](#)
- 31 [Resolution n2542 of the Government, 9 December 2024](#); Haaretz, ['Cutting the Head Off 200 Organizations': Inside Israel's War on NGOs That Aid Palestinians](#), 13 January 2025
- 32 OCHA, [Gaza Strip OPT - Israeli military evacuation orders dashboard](#)
- 33 OCHA, [Reported impact snapshot | Gaza Strip \(14 January 2025\)](#).
- 34 Médecins du Monde's report [Israeli Aid Obstructions and Attacks on Humanitarian Workers: Médecins du Monde's Year in the Occupied Palestinian Territory](#) explains the disruptive potential of forced displacement orders on humanitarian operations.
- 35 [Gaza Humanitarian Access Snapshot #4 \(13 - 26 August 2024\)](#); OCHA, [Israeli military evacuation orders dashboard](#)
- 36 [Gaza Humanitarian Access Snapshot #6 \(11 September - 9 October 2024\)](#).
- 37 [Gaza Humanitarian Access Snapshot #8 \(13 November - 10 December 2024\)](#).
- 38 BBC, [Gaza 'humanitarian zone' struck almost 100 times](#), 16 January 2025
- 39 [Gaza Humanitarian Access Snapshot #6 \(11 September - 9 October 2024\)](#).
- 40 [Gaza Humanitarian Access Snapshot #8 \(13 November - 10 December 2024\)](#).
- 41 WHO, [Health Cluster Dashboard](#)
- 42 OCHA, [Reported impact snapshot | Gaza Strip \(31 December 2024\)](#); EuroMed Rights, [September 2024](#)
- 43 OCHA, [Humanitarian Situation Update #251 | Gaza Strip](#)
- 44 IPC, [Gaza Strip: Acute Food Insecurity Situation for September - October 2024 and Projection for November 2024 - April 2025](#)
- 45 Oxfam, [Water War Crimes: How Israel has weaponised water in its military campaign in Gaza](#)
- 46 OCHA, [Reported impact snapshot | Gaza Strip \(22 January 2025\)](#); WHO, [Health Cluster Dashboard](#)
- 47 On [22 January 2025](#), OCHA reported 270 UN staff killed. On [26 January 2024](#), OCHA reported 154 UN staff killed.
- 48 OCHA, [Humanitarian Access Snapshot - Gaza Strip | 1-31 March 2024](#)
- 49 CARE, [Gaza: Attack on a WFP warehouse kills staff member of CARE partner](#)
- 50 OCHA, [Reported impact snapshot | Gaza Strip \(22 January 2025\)](#).
- 51 The Lancet, [Traumatic injury mortality in the Gaza Strip from Oct 7, 2023, to June 30, 2024: a capture-recapture analysis](#), 9 January 2025
- 52 UNFPA, [Over 15,000 pregnant women in #Gaza are on the verge of famine.](#)
- 53 International Planned Parenthood Federation, [Gaza nine months on, pregnant women carry the burden of conflict](#)
- 54 Amnesty International, ['You Feel Like You Are Subhuman': Israel's Genocide Against Palestinians in Gaza](#)
- 55 Law for Palestine, [Israeli incitement to Genocide](#)
- 56 CNN, [At least 16 cemeteries in Gaza have been desecrated by Israeli forces, satellite imagery and videos reveal](#)
- 57 UNESCO, [Gaza Strip: damage assessment](#)
- 58 [The Gaza Scorecard: Israel fails to comply with U.S. humanitarian access demands in Gaza \(November 2024\)](#)